

TEMAS GERADORES E AS CATEGORIAS FILOSÓFICAS PARA O DESENVOLVIMENTO NACIONALISTA A PARTIR DAS OBRAS DE ÁLVARO VIEIRA PINTO

Dr. José Ernesto de Fáveri
E-mail: faverije@gmail.com

1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Vieira Pinto é um personagem do pensamento filosófico brasileiro que se preocupou em pensar a realidade subdesenvolvida no Brasil, objetivando colocar as bases filosóficas para o desenvolvimento nacional autônomo e soberano.

Identificar e apresentar os temas geradores e as categorias filosóficas do pensamento de Vieira Pinto através das obras é um desafio complexo, dada a importância e relevância das ideias e análises que realiza sobre a realidade nacional. AVP dedicou sua vida a pensar a realidade nacional para despertar uma consciência social da necessidade de construir um país melhor para todos, isto é, uma nação desenvolvida.

O conjunto de suas obras foram produzidas ao longo das décadas de 60 e 70, com uma atualidade incrível, mediante o retrocesso da concepção de Estado, políticas econômicas e sociais que estão sendo implementadas pelo atual governo de Michel Temer. Dessa forma, é possível deduzir o tamanho do retrocesso que esse governo representa para o país na atualidade. Se considerarmos que para cada ano de retrocesso serão necessários três para alcançar o estágio atual das conquistas e avanços nos setores sociais, econômicos e culturais, estima-se que necessitaremos em torno de um século para ser recuperado o atual estado de retrocesso.

Foi no conjunto de obras do pensador Vieira Pinto que se realizou o resgate de algumas categorias filosóficas que possibilita sustentar, solidamente, uma análise crítica da atual realidade e apontar alguns pressupostos orientadores do desenvolvimento nacionalista não xenófobo.

Obviamente que este trabalho está longe de querer esgotar o estudo sobre o pensamento do autor em pauta e, muito menos, não possui a pretensão de resolver os problemas nacionais. Como um dos objetivos, pretendo estimular o debate e despertar nos estudiosos, pesquisadores e intelectuais para resgatar as ideias brilhantes e realistas desse pensador, como forma, embora tardia, de reconhecimento.

Esse breve ensaio está organizado em dois momentos interligados: no primeiro, são identificados os temas geradores dispersos na vasta obra que o autor nos deixou; e, no segundo serão abordadas as categorias filosóficas, enquanto fio condutor do seu pensamento sobre a proposta de desenvolvimento, fundado na realidade nacional.

Finalmente, pelo que li e ouvi nos depoimentos sobre esse grande pensador em estudo, posso afirmar, sem sombra de dúvida, que Vieira Pinto, em vez de ensinar filosofia pela repetição de enunciados e conceitos gerais, inspira a filosofar, isto é, desperta no leitor um pensar interconectado com a cultura e a realidade nacional.

2 OS TEMAS GERADORES DO PENSAMENTO DE VIEIRA PINTO

De acordo com o pensamento de Paulo Freire, tema gerador significa uma visão central geradora de uma organização provisória dos conteúdos de suas obras. O tema gerador constrói os enunciados gerais vinculados a diversidades da realidade local sobre os diferentes setores da realidade ligados às dimensões da existência individual e coletiva em que o ser humano está inserido.

Os temas geradores desdobram-se em categorias filosóficas que orientam o pensar e agir sobre o projeto de desenvolvimento, cujo fim é emancipar a nação da condição de subdesenvolvimento, isto é, situação real de desumanização do ser humano e do ser da nação.

Os principais temas geradores do pensamento de Vieira Pinto são:

2.1 - Nacionalismo-desenvolvimentista e desenvolvimentismo nacionalista

O desenvolvimento do país será sempre direcionado para a nação e não para a classe econômica mais rica. A nação significa um organismo vivo que, através da autonomia nacional e a soberania internacional, produz o desenvolvimento integral para os indivíduos e a sociedade, gerando “o bem comum” e “comum-bem-estar” entre os indivíduos e as coletividades. Esse nacionalismo desenvolvimentista só é possível quando se tem uma forte presença do Estado, atuando contra a desnacionalização e a internacionalização dos bens e serviços nacionais, através de políticas para garantir que a função desse, possa consolidar e promover o bem-estar para a nação.

2.2 – A realidade nacional e as modalidades de consciência: ingênua e crítica

Esse tema gerador está intimamente vinculado a análise da realidade nacional para construir a consciência social crítica, capaz de compreender as mais profundas contradições entre os fatores e as condições que determinam o estágio da nação subdesenvolvida. Isso implica em construir uma sólida e coerente visão crítica da realidade nacional como fundamento pelo qual a classe intelectual, oriunda das massas, produz a ideologia do desenvolvimento nacional.

2.3 – A concepção do ser humano, trabalho e cultura

A base comum desse tema gerador é o conceito de ser humano. Esse está intimamente ligado à questão do trabalho e da teoria da cultura. A concepção de ser humano está baseada na questão do trabalho e a cultura tem de ser analisada e compreendida para se adquirir uma visão de totalidade do pensamento nacionalista de Vieira Pinto.

2.4 - A produção nacional da própria ciência

A própria ciência está embasada nas pesquisas científicas comprometidas em investigar e superar os problemas nacionais e prioritariamente regionais, isto é, satisfazer, de forma cada vez mais elaborada, as necessidades da coletividade local para que as massas oprimidas tenham melhor qualidade de vida. Esse desafio remete-nos a pensar a necessidade de superar os ranços dos discursos metafísicos sobre a pesquisa, bem como a importação de métodos e técnicas para reproduzir, na sociedade subdesenvolvida, a ciência metropolitana, externa e alheia, aos interesses nacionais. A finalidade de se submeter aos ditames da ciência externa é apenas satisfazer as necessidades e os interesses da sociedade de origem, isto é, dos países desenvolvidos. Nessa condição, o pesquisador apenas presta um serviço alheio à realidade nacional e favorece a ciência global. Com essa prática, os pesquisadores postergam para um segundo plano a resolução dos problemas

nacionais. Por isso, os resultados das pesquisas, não aplicados à realidade nacional, emperram o surgimento da própria ciência. Essa ciência, de origem metropolitana, passa a configurar como instrumento de produção do conhecimento e da ciência alienada. Em vez de essa ciência estar a serviço do desenvolvimento das nações menos desenvolvidas, produz a opressão nacional de um povo por consolidar as condições desumanas de sobrevivência. Portanto, a produção nacional da própria ciência tem como finalidade e compromisso de responder, positivamente, aos problemas sociais nacionais, através da aplicação dos resultados das pesquisas, o contexto em que o pesquisador está inserido. É uma ciência proativa e positiva que supera os problemas melhorando a qualidade de vida do brasileiro. A própria ciência possui um caráter nacionalista quando contribui para se libertar do subjugo da ciência global. Dessa forma, o conhecimento local contribui, decisivamente, para responder aos problemas da realidade. A realidade será sempre o ponto de partida das práticas da pesquisa científica, pois a própria ciência tem origem social, cujo resultado possui uma finalidade, também social, porque tanto a origem quanto a finalidade desse tipo de ciência estão comprometidas com o desenvolvimento da coletividade local.

2.5 - A teoria da educação: suporte e orientação na formação da consciência crítica como tática para implementação do projeto de desenvolvimento nacional

A educação é o processo pelo qual faz a ideologia do desenvolvimento sair da pura intelecção metafísica para entrar na vida cotidiana das massas, em condição de opressão e desumanização em que vivem. A finalidade da educação nacional desenvolvimentista consiste em formar a consciência crítica para que o oprimido perceba a necessidade de superar a condição de objeto para sujeito. Como consequência, o indivíduo terá, em suas práticas cotidianas, um agir e um interagir, capazes de atribuir finalidade ao que vive e o que produz em sociedade. Por isso, a educação não muda a realidade, mas muda o pensar e, conseqüentemente, muda o agir do ser humano em sociedade. Como consequência, assume o papel de sujeito na mudança da condição social e material desumanizante em que esse ser vive.

2.6 - A tecnologia como instrumento de libertação do ser humano e do ser da nação: inclusão e exclusão digital como fonte de humanização e desumanização

A produção nacional da própria ciência, compatível com o nível de desenvolvimento e as necessidades da sociedade, vai definir a finalidade da tecnologia. A tecnologia pode se transformar no instrumento de opressão, exploração, controle do ser humano e da própria nação, quando usada para fins alheios à emancipação do ser humano. Dessa forma, origina-se o colonialismo tecnológico. Esse aprofunda ainda mais o nível de subdesenvolvimento da nação pelo fato de que a tecnologia se torna um meio pelo qual uma nação desenvolvida sufoca e estrangula a nação subdesenvolvida, por consolidar a consciência ingênua descomprometida com o processo histórico nacional de superar o desumano estágio de subdesenvolvimento.

3 AS CATEGORIAS FILOSÓFICAS PARA O DESENVOLVIMENTO A PARTIR DO PENSAMENTO DE ÁLVARO VIEIRA PINTO

A leitura das obras de Vieira Pinto possibilitou identificar algumas categorias, imbricadas entre si. Esse estudo centra a atenção sobre as categorias que servem de base para compreender o que significa um processo de desenvolvimento emancipatório da nação subdesenvolvida.

3.1 - O conceito de nação

A nação, neste estudo, significa uma grande dimensão de massa humana contínua, que o pensador denomina de massas oprimidas, pois, refere-se a um conjunto de indivíduos que forma a nação subdesenvolvida. Para Vieira Pinto, existe uma contradição ainda mais ampla e fundamental entre: as nações desenvolvidas x as nações subdesenvolvidas.

A superação da contradição entre nações reside na radical defesa no despertar a “autopercepção” da massa oprimida sobre a realidade nacional em que se desenvolve a sua vida. Esta é a origem e o sentido do conceito de nacionalismo, não xenófobo, em Vieira Pinto.

A ideia de nação está ligada à noção de essência do ser humano, enquanto partícipe do ser da nação. Nessa perspectiva, o homem produz a sua própria existência mediante as relações com a realidade e com os outros para manter-se vivo. A ideia de nação surge a partir dessas relações, que irão definir o ser da nação e seu nível de desenvolvimento em que se encontra o país.

Portanto, somente quando a totalidade de uma nação alcança o nível de consciência crítica, construído pela educação nacionalista, está madura para realizar um amplo pacto de luta pelo desenvolvimento integral do país.

3.2 – O significado de “amanualidade”

O significado de amanualidade reside no pensar e estudar o fazer do homem para recompor a história de uma civilização específica. Significa resgatar a história de manusear o mundo para transformá-lo, de forma cada vez mais elaborada, em benefício próprio. O grande desafio reside no resgate da origem e a história da civilização. Com essa ideia, o autor encaminha uma concepção ativa e não contemplativa da realidade, porque o trabalho exercido sobre o real, além de transformá-lo, produz a capacidade ideativa que, simultaneamente, muda a forma de pensar e do fazer humano, melhorando, qualitativamente, as condições de sua sobrevivência.

Amanualidade está ligada ao desenvolvimento e não ao progresso, que significa dar ao homem o que não tem. O desenvolvimento consiste em dar, além do que tem, o que ainda não tem, por algo mais elaborado, capaz de melhorar as condições da vida pessoal e social.

Manusear o mundo com as próprias mãos implica, entre muitas outras coisas:

- a) construção da memória social, enquanto o jeito de manusear e tocar o mundo que constrói a cultura;
- b) avaliar a qualidade técnica cada vez mais elaborada, na transformação do mundo pelo trabalho, onde se circunscreve a vida de um povo e produz a cultura, que permite caracterizar uma etapa histórica da civilização;
- c) manusear o mundo com as mãos desperta o manuseio do pensar fundado no fazer humano. Isso dá ao pensar um caráter dialético sobre o fazer do homem, na construção de uma racionalidade do real

dentro da condição histórica e social, como principal fundamento de construção da ideologia do desenvolvimento nacional;

- d) a amaterialidade, pensada nessa perspectiva, contribui na superação do subdesenvolvimento pelo desenvolvimento. Isso acontece quando o homem, ao manusear o mundo, tecnicamente cada vez mais elaborado, compreende o que faz pelo trabalho e para quem o faz. Essa forma de pensar constrói a consciência crítica, isto é, produz a visão de totalidade do que somos e fazemos. Como consequência, gera, no seio da nação, uma cultura generalizada em torno da necessidade de emancipação da condição atual de vida para outra superior;
- e) finalmente, amaterialidade implica que o fazer do homem constitui a história dos objetos. A história dos objetos possibilita perceber o nível de desenvolvimento da civilização, no momento e no contexto, em que esses foram criados.

3. 3 - A ideologia do desenvolvimento nacional: a filosofia e o fio condutor do projeto de emancipação da nação

A ideologia que o autor defende é aquela que se constitui como consciência da sociedade brasileira sobre as condições subdesenvolvidas para ascender num dinâmico processo de desenvolvimento emancipatória da nação. O desenvolvimento significa a humanização do ser humano e do ser da nação em geral. O subdesenvolvimento é a condição de vida precária a qual os indivíduos se encontram, por isso, é um processo de desumanização.

Esse desafio de produzir a ideologia do desenvolvimento é tarefa dos intelectuais nacionais. Somente eles podem realizar “o alargamento quantitativo” da área cultural, necessariamente, acompanhado por “um movimento qualitativo” na transformação da consciência das massas populares sobre a realidade nacional. Isso implica em superar o pensar abstrato para um pensar histórico e social, com o objetivo de analisar o passado, compreender o presente e vislumbrar um novo futuro. Essa tarefa cabe aos intelectuais que vivem na realidade do país subdesenvolvido, cujo fim é realizar a correta e coerente interpretação dos problemas nacionais, onde se origina o conjunto das “ideias-força”, isto é, a ideologia, para sustentar e direcionar o projeto de desenvolvimento nacional autônomo e soberano. Um grave equívoco que se pode cometer quando da

construção da ideologia do desenvolvimento é delegar essa tarefa aos intelectuais alheios a nossa realidade para interpretá-la.

Para se ter êxito na implementação da ideologia com vistas ao desenvolvimento é necessário construir a **unidade** entre os indivíduos da nação oprimida para que as mudanças no seio da sociedade progressivamente possam acontecer. Isto só é possível quando a massa oprimida tiver uma visão crítica das condições desumanas em que vive. O movimento nacional de luta para que as mudanças possam acontecer é imprescindível um **planejamento** de ações comuns, voltadas para implantar a ideologia, implica comprometer-se na luta social para emancipar a nação oprimida.

Para construir a ideologia nacional do desenvolvimento, cinco são as teses que devem orientar a execução dessa tarefa:

- a) sem ideologia do desenvolvimento, não há desenvolvimento;
- b) a ideologia do desenvolvimento tem, necessariamente, de ser fenômeno de massa;
- c) o processo de desenvolvimento é função da consciência de massa;
- d) a ideologia do desenvolvimento deve proceder da consciência das massas;
- e) a teoria da educação nacionalista libertadora, instrumentalizada para contribuir com o desenvolvimento, possui como desafio a formação da consciência crítica do homem “em situação” para superar a opressão que vive a nação¹.

3. 4 - Visão antropológica: a concepção de ser humano como base constitutiva da nação

O conceito de ser humano, na visão do autor, tem como ponto de partida a produção da existência pelo trabalho. Para analisar a questão, é necessário tomar o ser humano na mais absoluta dimensão concreta. Pois, é na concretude de sua vida que se mantém o pensamento antropológico enraizado na situação mais real em que o homem vive. Esse ponto de partida interliga essa categoria filosófica com as demais e serve como ponto de partida e como base para conceituar o ser humano.

A ideia de essência do ser humano que se defende está alicerçada na visão de que é um ser que **está** no mundo, e, simultaneamente, é um **ser no mundo**, na

¹ FAVERI, José Ernesto de. **Álvaro Vieira Pinto**: contribuições à educação libertadora de Paulo Freire. São Paulo, LiberArs, 2014, p. 116-117.

luta para conquistar o **mais-ser**, como superação do **menos-ser**. *Estar no mundo* é simples pertencimento a ele, como outro ser qualquer. Entretanto, o estar no mundo requer, simultaneamente o **ser no mundo**. O homem concebido, simultaneamente, nessas duas dimensões constitui-se num sujeito de relações que supera o simples pertencimento à realidade e consegue transformá-la para si, a fim de melhorar sua existência. Somente o ser humano consegue superar o pertencimento ao mundo e, ao buscar a sobrevivência, constrói a relação para adaptá-lo a si, cujo fim é melhorar, progressivamente, a qualidade do seu existir.

A capacidade de o homem operar sobre a realidade produz as coisas necessárias para manter-se vivo, com uma qualidade de vida superior, ao mesmo tempo e nas mesmas condições, constrói seu potencial ideativo. O ser humano, ao transformar o mundo para si, também produz o pensamento ideativo e desalienado que dá origem à consciência crítica. O pensamento crítico atribui finalidade às ações e relações que o homem empreende sobre o mundo para torná-lo um sujeito desalienado. É isso que potencializa o pensar e o agir, onde dinamicamente, vai aperfeiçoando o seu *modus operandi* sobre a realidade e desenvolve sempre melhor o próprio potencial de pensamento.

Uma análise antropológica do homem *em situação*, conforme está se propondo, forja a necessidade de uma teoria da educação, sustentada e circunscrita a partir da ideologia do desenvolvimento, oriunda de uma correta e coerente compreensão crítica da realidade nacional, cuja finalidade da educação é ser libertadora das massas. Dessa forma, supera-se a educação como algo imposto de fora para dentro, para se transformação como processo construído de dentro para fora. Isto é, uma concepção de educação endógena e não exógena. Seu compromisso é formar a consciência crítica orientadora do agir e interagir da nação rumo ao desenvolvimento nacional para a humanização da massa oprimida.

3. 5 - A humanização e desumanização do ser humano e do ser da nação pela produção da existência

As condições sociais e materiais da humanização e desumanização do ser humano estão vinculadas ao nível de desenvolvimento em que a sociedade se encontra. Quando a sociedade se encontra num nível de desenvolvimento razoável, o homem encontra-se numa posição mais humana porque, mediante ao resultado de seu trabalho, tem acesso as coisas materiais de que precisa para manter-se vivo com dignidade. Por outro lado, quando o ser humano se encontra numa sociedade

subdesenvolvida, a possibilidade de uma vida desumana é provável e real. Porque o resultado do seu trabalho não lhe permite ter acesso a coisas materiais para manter-se vivo com uma qualidade de vida cada vez mais superior. Ou seja, o lugar que o homem ocupa na escala da produção das coisas materiais de que necessita para manter-se vivo é sempre uma relação desigual entre rico e pobre, gerando a dominação e a exploração transformando o homem em objeto e não sujeito de sua existência.

A questão do trabalho como fator de humanização e desumanização torna-se fundamental para essa análise e está, diretamente, vinculada à concepção de ser humano. O trabalho, de um lado, humaniza o ser humano quando a produção das coisas materiais se desloca no plano dos objetos fabricados para dar destaque e compromisso com a qualidade de vida do sujeito produtor. Agora, o trabalho desumaniza quando a produção fica somente centrada na fabricação dos objetos, sem se importar com a vida do sujeito que os produz. É isso que comumente ocorre com a produção capitalista dos bens materiais. A consequência que isso traz é a separação do sujeito da produção dos objetos, provocando a alienação e consequente desumanização, porque o trabalho vira mercadoria comprada por outro, sendo que o limitado resultado do seu trabalho não lhe permite ter acesso ao que produz. Se isso não bastasse essa situação desumaniza o ser humano porque estaciona sua capacidade de pensar criticamente os fatos e acontecimentos ao seu redor. Essa é uma contradição no mundo produtivo do capitalismo que gera a desumanização do homem. O que causa essa contradição é que o resultado do seu trabalho está submetido a interesses alheios a si e à nação. Por isso, quando se aproximam o sujeito e o objeto produzido pelo, fazer pensando e o pensar fazendo, define-se um processo dialético de construção de si, do próprio pensar e do mundo para si. Pois, no mesmo processo de produção da existência, o ser humano consegue, simultaneamente, ter acesso às coisas materiais para manter-se vivo e desenvolve sua capacidade de pensar. Aí reside a plena humanização. Com o que se tem abordado até aqui, percebe-se que o trabalho tanto pode humanizar quanto desumanizar o ser humano, dependendo em que nível de desenvolvimento se encontra a nação. Se a nação é subdesenvolvida, o ser humano encontra-se numa situação real de desumanização e se a nação encontra numa situação real de desenvolvimento, o ser humano encontra-se numa situação real de humanização. O nível em que se encontra a nação, opressora ou oprimida, da mesma forma o

trabalhador na relação social, recebe tratamento diferente e desigual, isto é, de oprimido porque sempre tem alguém que o oprime. Por isso, o processo de desumanização reside na dupla e recíproca relação desigual. A primeira, entre as nações desenvolvidas e subdesenvolvidas como consolidação dessa contradição maior. A segunda contradição reside na relação entre capital e trabalho, isto é, entre os donos dos meios de produção e o trabalhador. O primeiro domina o segundo, dessa forma instala-se uma relação de senhor e escravo. O segundo é explorado porque com o resultado do seu trabalho não consegue ter acesso aos bens materiais que produz. Nesse sentido, torna-se objeto explorado duplamente. Ele próprio vira mercadoria como ser vivo e sua força de trabalho, uma vez que esse não mais lhe pertence. Por outro lado, a desumanização é sempre uma condição desfavorável à vida porque limita o acesso às condições de viver com decência.

3. 6 – A produção nacional da própria ciência

Para iniciar a análise dessa categoria, a tese central que se defende é criar um tipo de ciência regional compatível e comprometida com o desenvolvimento nacional da qual resultaria a humanização do homem e do ser da nação. Portanto, a origem dessa ciência está nas relações entre o homem e o meio em que vive, isto é, a realidade nacional, mais próxima de si, cuja finalidade consiste em responder de forma eficiente e eficaz aos problemas do ser humano pela aplicação dos resultados da própria ciência, na realidade local. Essa aplicação dos resultados das práticas de pesquisa abrange a dimensão individual e coletiva das massas e, de maneira nenhuma, podem favorecer apenas os interesses econômicos neoliberalistas das metrópoles, bem como favorecer, unilateralmente, a elite dominante do país subdesenvolvido.

A necessidade de compreensão filosófica da pesquisa científica reside na aproximação entre a ciência e a existência para impulsionar o desenvolvimento nacional, objetivando a humanização do ser humano e o ser da nação.

O grande desafio da pesquisa científica consiste em transformar a realidade para colocá-la a serviço da melhoria da vida de cada um e, simultaneamente, produzir o desenvolvimento integral do indivíduo e da espécie naquele momento. Isso possibilita a identificação dos reais problemas que a pesquisa tem de enfrentar naquela sociedade em um dado momento da história. Assentada nessa base, a pesquisa produz o avanço do conhecimento e alavanca o desenvolvimento do país,

porque a investigação, através de seus resultados, responde de forma positiva aos problemas nacionais e locais.

A inovação científica para a construção de um novo conhecimento, que inspira e organiza a própria ciência nacional, direciona e conduz o desenvolvimento autônomo e soberano de um país. Inovação significa uma ideia de representação da realidade no pensamento que impulsiona o pesquisador para a ação. Essa ação representada no pensamento gera uma nova ideia que produz um novo e avançado conhecimento. Desse processo, entre ideias e ações, origina-se, o aperfeiçoamento simultâneo, uma e a outra, porque as ideias e as ações entram num processo dialético, teoria e prática, aperfeiçoando-se, recíproca e progressivamente, ao longo da história da ciência. Nessa perspectiva, há um simultâneo aperfeiçoamento do conhecimento em graus e formas mais perfeitas e, como consequência, o aperfeiçoamento da existência dos indivíduos e da coletividade ao longo da história. Portanto, a inovação realiza o vínculo entre ciência e existência, porque exige que a teoria e a prática, nas atividades do pesquisador, estejam imbricadas ao longo do processo de produzir um novo conhecimento. É no bojo desse contexto de análise que um conhecimento, ao gerar avanços qualitativos na ciência e na existência, pela pesquisa científica, que se constrói a própria ciência nacional que impulsiona o desenvolvimento autônomo e soberano da nação. Portanto, inovação é fazer a ideia funcionar na prática para avançar na qualidade do pensamento, gerando qualidade de vida nas pessoas pelo desenvolvimento do país.

A formação e as condições de trabalho do pesquisador no desafio de criar e desenvolver a própria ciência está vinculada a finalidade social da ciência nacionalista em base do pesquisador ser portador de uma consciência crítica para produzir conhecimento vinculado a realidade que o científico e indivíduo estão inseridos.

3.7 – A teoria da cultura

A teoria da cultura é a base da pesquisa científica e o fio condutor na produção nacional da própria ciência. A ideia central, para compreender a cultura, reside no vínculo entre a produção da existência e a produção de si próprio. A produção da existência está centrada na capacidade que esse ser tem de operar sobre o mundo para produzir os bens materiais que necessita para manter-se vivo,

dentro de uma crescente e persistente busca da qualidade superior de vida. Mas, simultaneamente, a esse processo, o homem é um bem de produção de si próprio, porque, na medida em que opera sobre o mundo a fim de conseguir as coisas materiais para a sua sobrevivência, estrutura o pensamento pelo fato de representar tais operações concretas, em forma de ideias cada vez mais perfeitas no seu pensamento.

3.8 – A formação da consciência crítica

A formação da consciência crítica tem como ponto de partida a realidade nacional subdesenvolvida, fundamento para a elaboração da ideologia do desenvolvimento, que impulsiona o planejamento e a execução do projeto de emancipação da nação.

A Consciência nacional ingênua é aquela que não tem compreensão profunda dos fatores e das condições objetivas que a determina. Os indivíduos que pertencem à nação, com esse caráter, são facilmente manipulados e reféns de uma ideologia dominadora e exploratória, que desqualifica qualquer possibilidade de se tornar sujeito na construção da própria história e das necessárias mudanças sociais.

A consciência ingênua, ao invés de buscar a essência da verdade sobre a realidade do ser da nação, apenas se debruça sobre ela de forma que, em vez da racionalidade conduzir sua forma de pensar, é conduzida pela emocionalidade que conduz o pensamento de modo superficial sobre o real para reificar o modo submisso e obediente, quando da análise dos problemas reais da sociedade subdesenvolvida.

A modalidade crítica da consciência resulta de um pensar sistemático, focado na representação da realidade, em forma de ideia, no pensamento do indivíduo. O grau de criticidade da consciência está vinculado ao nível de compreensão do contexto social em que o ser humano está inserido. É isso que a torna consciência social, porque seu pensar, fundado na realidade, produz a consciência crítica, isto é, produz uma visão de totalidade sobre si e a realidade em que o indivíduo está inserido. Enfim, a realidade nacional, uma vez pensada, sistematicamente, e, compreendida, realmente, como se manifesta, gera a consciência socialmente crítica da nação. Quanto mais visão de totalidade o indivíduo possui da realidade mais próxima, maior é a possibilidade de superação da consciência ingênua pela consciência crítica. Portanto, o nível crítico da consciência entra na dinâmica de

construção da visão de totalidade sobre o estado, existencial e social, em que se encontra o indivíduo e a nação pobre.

A consciência crítica é o tipo de consciência que possui uma ampla e profunda compreensão esclarecedora sobre os fatores, condições reais e sociais que a determina.

O papel da consciência é sempre ativo, porque supera o pensar metafísico e se consubstancia na representação coerente da realidade e da verdade em torno da existência objetiva da sociedade. Por isso, o espaço social alcança a consciência crítica da realidade por se tornar uma autêntica representação reversível entre o real e o ideal, entre o social e o intelectual, enquanto caráter dinâmico do pensar, radicalmente, crítico. A consciência crítica, por ter esse caráter dinâmico de representar o mundo, no seu pensamento, constrói uma visão de totalidade de si e da realidade. Essa visão de totalidade não é um ato isolado do pensamento sobre a situação social, mas um processo representativo do real que passa a perceber a realidade de forma mais coerente e abrangente. Essa combinação perfeita entre as representações da realidade no pensamento e o pensamento inferindo sobre a situação representada, faz com que o ser humano consiga realizar a ampliação do conteúdo da representação, donde produz a explicação mais profunda da realidade nacional. É nessa perspectiva que os intelectuais nacionais, necessariamente, são possuidores da consciência crítica, cujo o fim último é produzir a ideologia do desenvolvimento, fundamento da elaboração das políticas nacionais, orientam a execução do projeto de emancipação da nação. O perfil da consciência ingênua est assentado no seguinte perfil:

Objetividade
Historicidade
Racionalidade
Totalidade
Atividade
Liberdade
Nacionalidade

Enfim, a consciência crítica comanda a reflexão e análise das práticas sociais, por isso, supera a ficção filosófica, baseada na descrição de comportamentos psicológicos para se transformar num pensar crítico e no agir social consciente e transformador. Esse pensar crítico se apoia no processo real de construção humana do ser da nação.

3.9 A teoria da educação comprometida com o desenvolvimento nacional

A teoria da educação comprometida com o desenvolvimento é a educação popular para construir a habilidade de pensar a realidade social, objetivando compreendê-la em amplitude e profundidade. Sem esse pressuposto, a educação torna-se privilégio da elite, a fim de manter o estado de subdesenvolvimento da nação. Por isso, as massas são treinadas para executar tarefas no sistema produtivo com a finalidade de consolidar a forma ingênua da consciência nacional.

O papel da educação para o desenvolvimento consiste em construir um processo de transformação qualitativa e progressiva da consciência nacional. Isto é, produz a consciência crítica e difunde, entre as massas, a ideologia do desenvolvimento como projeto de emancipação da sociedade subdesenvolvida. Isso implica em conceber a educação, cujo o caráter é, essencialmente, popular que assume o compromisso de elevar o nível de conhecimento e da consciência das massas sobre a realidade nacional, gerando uma visão de totalidade dos acontecimentos sociais. Essa tarefa não pode ser delegada aos pedagogos oficiais, ausentes do processo histórico real da nação e, nem tampouco, aos visitantes das organizações acadêmica metropolitanas. Essa tarefa cabe aos educadores de origem popular que estarão aptos a desenvolver práticas pedagógicas alicerçadas numa justa teoria sociológica, já que são legítimos representantes da consciência comunitária.

A escola não faz a revolução no país, mas a revolução tem de fazer a escola que o país precisa. A sociedade tem de definir o tipo de educação para realizar as mudanças no pensar e influencia na qualidade do agir apropriado para que o indivíduo interaja conscientemente na tomada de decisões e nas múltiplas relações sociais e de trabalho que constrói comprometidas com o projeto de desenvolvimento nacional.

O ponto de partida para atingir tal fim consiste em quebrar a atual lógica da submissão do conhecimento e da ciência nacional aos ditames da ciência global metropolitana. Um dos indicativos práticos para atingir esse fim é inserir disciplinas sobre a realidade nacional nos cursos de mestrado e doutorado para formar agentes de mudança, no pensar e agir, nos contextos das instituições educacionais e na conjuntura nacional. Isto é, construir e fazer a ideologia do desenvolvimento circular pelos quatro cantos do país. Quem iniciou muito bem essa tarefa foi o intelectual e pedagogo Paulo Freire, quando propôs, para a sociedade brasileira, a concepção da educação libertadora. Outro indicativo prático para quebrar a lógica da pedagogia

colonialista de origem externa é criar centros de estudos com o fim de construir conhecimento avançado, tendo como horizonte a compreensão da realidade nacional do país, no sentido de produzir novos conhecimentos para a construção coletiva da consciência crítica e comprometer as massas oprimidas com o projeto de emancipação. A melhor e mais eficiente estratégia é criar um instituto parecido com o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros). A reinvenção desse instituto ocorre quando se constrói uma nova “inteligência” brasileira, capaz de analisar e interpretar a realidade nacional, cuja a finalidade é construir a ideologia do desenvolvimento nacional como superação das atuais políticas de Estado xenófobas do neoliberalismo. Para tanto, propõe-se a criação do ISED (Instituto Superior de Estudos para o Desenvolvimento).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de encerrar essa análise sobre as categorias, é preciso reafirmar que este ensaio possui, como intenção, a qual seja, incitar o leitor na busca de compreensão do referencial teórico sobre o pensamento de Vieira Pinto, objetivando fundamentar uma crítica ao atual governo neoliberalista. Um exemplo na história política do Brasil que não merece, em hipótese nenhuma, ser seguido, pois seria um convite à seguir o mal exemplo.

A distribuição histórica das modalidades de consciência está vinculada à condição e ao nível de desenvolvimento da nação. O momento atual revela essa condição, mediante o imobilismo que a sociedade brasileira se encontra diante de um governo que é tão unilateral, quanto à justiça brasileira é parcial e tendenciosa, quando se trata de investigar os projetos que vão a favor dos interesses da maioria da nação. Pois, a lei vale para alguns, mas não se aplica a outros. Quem faz as leis, não as cumpre e quem manda aplicar as leis, o faz orientado por interesses diversos, indicando parcialidade nas decisões. Enfim, a lei vale para uns, mas não vale para outros. Por isso, no Brasil não se distribui justiça, mas interesses econômicos e políticos contra a massa oprimida para confundir via estimulação, e disseminação da consciência nacional ingênua. Essa distribuição da consciência ingênua no país, e no momento atual, tem origem e é patrocinada pelas elites rurais e urbanas, representantes de instituições suspeitas e anônimas que, pelo tráfico de influência, direcionam as decisões nas instâncias administrativas e judiciárias do país para fortalecer os ricos corruptos e punem as massas com a retirada dos seus

direitos, sob a égide das reformas míopes. Por isso, temos uma administração pública e um judiciário influenciado e viciado. É nessa condição que o desenvolvimento, a democracia, a justiça e a soberania nacional se tornam reféns de uma ideologia dominante e elitista predadora da ideia de nação que precariza, cada vez mais, as condições de dominação e opressão das massas. Ou seja, as metrópoles penetram e influenciam as instâncias dos poderes constituídos, sem nenhuma exceção, colocando em risco a autonomia e a soberania nacional. O que é perceptível na atual realidade brasileira é uma conjuntura nacional “fraca e inocente”, com um governo extremamente autoritário e opressor das massas. Desse governo, participa a velha e antiquada “cepa” de profissionais e políticos xenófobos, despudorados, imorais e antiéticos, promovendo a dominação e a exploração sobre as massas oprimidas. Quanto mais pobre e inculta a massa através da falta de habilidade de compreender os problemas sociais, tanto melhor para o atual governo realizar manobras e aprofundar o estado de pobreza da nação.

O subdesenvolvimento, que é o atual momento histórico em que vive o Brasil, distribui a consciência ingênua junto às massas oprimidas, promovendo a desumanização da maioria através da perda da identidade nacional, que forja o surgimento de uma consciência elitista, golpista e entreguista do capital nacional, empresas estatais, setores estratégicos e o próprio desmantelamento do Estado para implementar o colonialismo externo sobre a nação e nos diferentes setores da sociedade.

Enfim, esse ensaio revela a história política do Brasil como uma história dos golpes explícitos e implícitos para manter privilégios, consolidar uma situação de opressão cada vez mais forte e menos compreensível, com o apoio amplo e irrestrito das pequenas minorias ricas do território nacional e das grandes metrópoles, onde a nação, por ser portadora de uma consciência ingênua, assiste pacificamente a internacionalização do país para instalar a opressão global à nação brasileira.

5 REFERÊNCIAS

FAVERI, José Ernesto de (Org.); Jorge F. Schumacher e outros. **O legado de Álvaro Vieira Pinto a partir dos seus contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra, 2012.

FAVERI, José Ernesto de; CANI, Luiz Eduardo; BAZZANELLA, Sandro Luiz. **AS MÚLTIPLAS DIMENSÕES DA EDUCVAÇÃO NA ERA DO CORONAVÍRUS: O pensar e viver contemporâneo pós-pandemia.** São Paulo: LiberArs, 2021.

FAVERI, José Ernesto de. **Filosofia da Educação: o ensino de Filosofia na perspectiva Freireana.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

FAVERI, José Ernesto de. **Álvaro Vieira Pinto: contribuições à educação libertadora de Paulo Freire.** São Paulo, LiberArs, 2014.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 19.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia.** Rio de Janeiro: Contraponto, Rio de Janeiro, 2005. v.1 e 2.

_____. **A sociologia dos países subdesenvolvidos.** Rio de Janeiro: contraponto, 2008.

_____. **Sete lições sobre Educação de Adultos.** 11. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **A Questão da Universidade.** São Paulo: Cortez, 1986.

_____. **Ciência e existência: os problemas filosóficos da pesquisa científica.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Consciência e Realidade Nacional.** Rio de Janeiro: MEC/ISEB, 1960. V.1 e V. 2.

_____. **Ideologia e desenvolvimento nacional.** Rio de Janeiro: MEC/ISEB, 1956.